



O ALTAR DA IMAGEM. No retângulo tudo é recolhimento. Superfícies de imobilidade. Uma suspensão da respiração. Da sensualidade. Dos sentidos. Máscaras do pesar. Pesadas. Corpos como biombos côncavos. Triângulos emoldurando a essência do vazio. Vazio de altares. Esculpidos na própria carne. Imagens desdobradas abrigando imagens. Congeladas e agrupadas. Atomizadas. Os olhos das mulheres voltaram-se para baixo. Para dentro. Seus espíritos estão fixos. Temem perder a memória das imagens que carregam. Pelas entranhas. Pelas pernas. Pelo fígado. Numa simbiose que leva ao esquecimento de si. A uma abolição de qualquer ato. Paralisadas, as mulheres se enrolam em si mesmas. Mãos lassas. Inativas. Dirigidas para o chão. São mulheres sem olhar. Enclausuradas. Em suas vestes. Na sala. Em si mesmas. Vivem um momento em que todos os tempos se confundem. Buscam uma unidade num passado já imaginário, disperso. Concentrado apenas num retrato. Mas não olham para esses retratos. Suas formas estão dentro de cada uma. No ventre-altar. Que sacraliza o que nele é depositado. Nessa caverna em que o calor transforma. Que gera a vida. Mas que não ressuscita. Ventre que é também centro dos desejos, dos apetites. Devorador. Com ele as mulheres sugam as imagens. Se apropriam. E fazem com que não se transformem. Aí os homens não envelhecem. Não se movem. Não falam. As mulheres tomam a si todos os papéis. Mas vivem num universo onde não se concebe o feminino sem o masculino. Quando o homem desaparece, a mulher desaparece. Nada mais é criado. Os dois se tornam imagens do que foram. Ícones existentes no limite dos sentidos e do espírito. Num isolamento do cotidiano banal próprio à santidade as mulheres recolhem-se para projetar o outro. Ocultam o próprio eu. Germinam um mistério interior. Intocável. Seis séculos atrás um escultor materializou na madeira a mesma relação entre a mulher e suas entranhas. Uma delicada Virgem segura o Menino em um braço. Está fechada. Mas seu corpo pode ser aberto como uma janela. Em seu interior concretizam-se as imagens do poder de Deus Pai e das penas do Cristo crucificado. Longe dessa Virgem, no fundo da sala, xícaras e bules. Continentes sem conteúdo. Encerrados em outro retângulo, esperam o contato do calor da água. Do toque de um corpo. Anseiam pelo profano.



△ *Aldeia de Beharke, Curdistão iraquiano, 1997*

#### Proposta de atividades

- Pesquisar fotos de revistas. A partir das fotos montar uma família imaginária, definindo os papéis, valores, conflitos e as crenças de seus componentes. Propor uma reflexão sobre história e memória.
- Pesquisar sobre os curdos e o problema contemporâneo dos povos sem território ou Estado.

#### Temas transversais

- Os princípios ópticos da fotografia.
- As guerras étnicas e religiosas como definidoras de fronteiras. A cartografia da guerra.



Centralizando um assunto, buscando simetria com as demais personagens, o fotógrafo fez um plano geral e procurou uma posição acima do assunto para captar outras figuras.

O foco está no primeiro plano, o da senhora centralizada. As outras personagens e objetos possuem um desfoque gradual. Uma das causas desse desfoque é a quantidade de luz interna necessária para sensibilizar o filme. O uso de abertura e velocidade prejudicou a nitidez após o primeiro plano, mas revelou uma simetria triangular em toda a foto.